

CULTURA MATERIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CÓRREGO DO FOGO: DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFICIDADE E TEMPORALIDADE

Diana Mirela da Silva Toso¹
Julia Araújo Carvalho²
Thiago de Moraes dos Passos³
Neide Barrocá Faccio⁴

Resumo

Este trabalho propõe-se a analisar a cultura material ceramista do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo localizado no Município de Junqueirópolis, SP, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, com o intuito de traçar diálogos entre temporalidade, geofraficidade e materialidade dos povos indígenas que se encontram na região do Planalto Ocidental Paulista. Analisamos 341 fragmentos de cerâmica, a partir da análise tecnotipológica e do referencial teórico metodológico, a partir do levantamento documental. A análise permitiu associar o sítio à filiação cultural Guarani, e identificar semelhanças ao padrão de técnicas aplicadas em sítios de mesma filiação, estudados por Faccio (2011, 1992, 1998), na bacia do Baixo Rio Paranapanema.

Palavras-chave: Cultura material; Arqueologia Guarani; Planalto Ocidental Paulista.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo analizar la cultura material del Sitio Ceramista del Sitio Arqueológico Córrego do Fogo ubicado en el municipio de Junqueirópolis, SP, con el fin de analizar una perspectiva transdisciplinaria con el fin de trazar diálogos entre temporalidad, geographicalidad y materialidad de los pueblos indígenas que se encuentran en la región de la meseta occidental de São Paulo. Se analizaron los 341 fragmentos cerámicos que componen el yacimiento arqueológico a partir del análisis de tecnotipos, y el marco teórico metodológico del estudio documental. El análisis permitió asociar el sitio con la afiliación cultural guaraní, y identificar similitudes con el patrón de técnicas aplicadas en sitios de la misma afiliación estudiados por Faccio (2011, 1992, 1998) en la cuenca baja del río Paranapanema.

Palabras clave: Cultura material; Arqueología Guaraní; Meseta Occidental Paulista.

INTRODUÇÃO (JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS)

Neste trabalho, apresentamos a análise de um sítio arqueológico localizado no município de Junqueirópolis, SP, nas proximidades do Córrego do Fogo, afluente do Rio do Peixe (**Figura 1**).

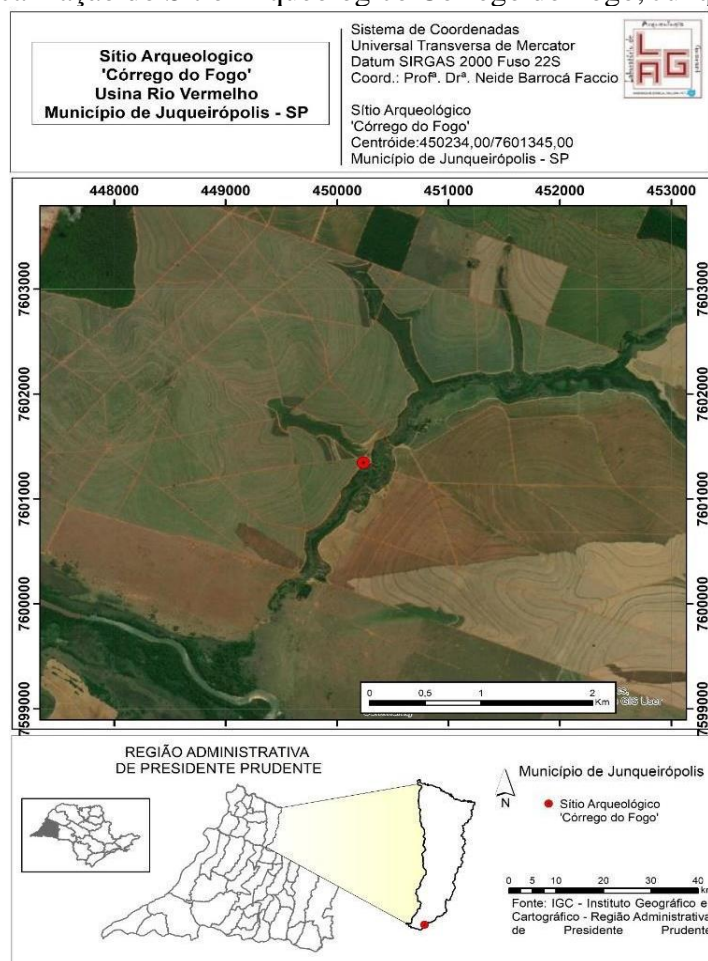
¹ Doutoranda do Curso de Geografia, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, diana.toso@unesp.br;

² Mestranda em Geografia, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, julia.araujo@unesp.br;

³ Doutorando em Geografia, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, thiago.passos@unesp.br;

⁴ Profa. Livre Docente Neide Barrocá Faccio, Universidade Estadual Paulista – UNESP, coordenadora do Museu de Arqueologia Regional da FCT/UNESP, neide.faccio@unesp.br.

Figura 1: Localização do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo, Junqueirópolis, SP



Fonte: Faccio et al (2020)

O Sítio Arqueológico Córrego do Fogo apresenta cerâmicas e líticos lascados do grupo Guarani. Foi encontrado em área de monocultura, a partir de pesquisa na área da arqueologia preventiva⁵ associada ao licenciamento ambiental, pela equipe do Laboratório de Arqueologia Guarani, sob a coordenação da Arqueóloga Neide Barrocá Faccio.

O Sítio Arqueológico Córrego do Fogo está localizado em uma paisagem caracterizada, predominantemente, pelo plantio de cana-de-açúcar. Os materiais foram encontrados em superfície, dispersos ao longo das linhas de plantio e de carregadores na área de baixa vertente, próximo à área de terraço fluvial do Córrego do Fogo. A vertente onde o sítio arqueológico está localizado caracteriza-se como vertente côncava, voltada a sudeste (**Fotos de 1 a 3**). No entorno da área desse sítio, foi encontrado mais um sítio

⁵ Vigente no Brasil desde 2002, com a criação da Portaria 230/IPHAN, substituída pela Instrução Normativa Nº 001, em 25 de março de 2015, que instituiu procedimentos administrativos e procedimentos para a avaliação de impacto sobre os bens acautelados em âmbito federal (IPHAN, 2015).

arqueológico: o do Macaco, localizado a 294 m, na margem esquerda do Córrego do Fogo.

Foto de 1 a 3: Área de plantio de cana-de-açúcar da Fazenda São Francisco, área do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo (CFC) e cerâmicas em superfície, Junqueirópolis - SP.
Coordenadas de localização: 22k 450021, 7601004



Localizado na margem direita do Córrego do Fogo, o sítio arqueológico encontra-se no contexto da bacia do Rio do Peixe, onde há indícios de ocupações humanas pretéritas, associadas aos grupos Guarani, Kaingang e Oti-xavante (FACCIO, 2019) (**Figura 2**).

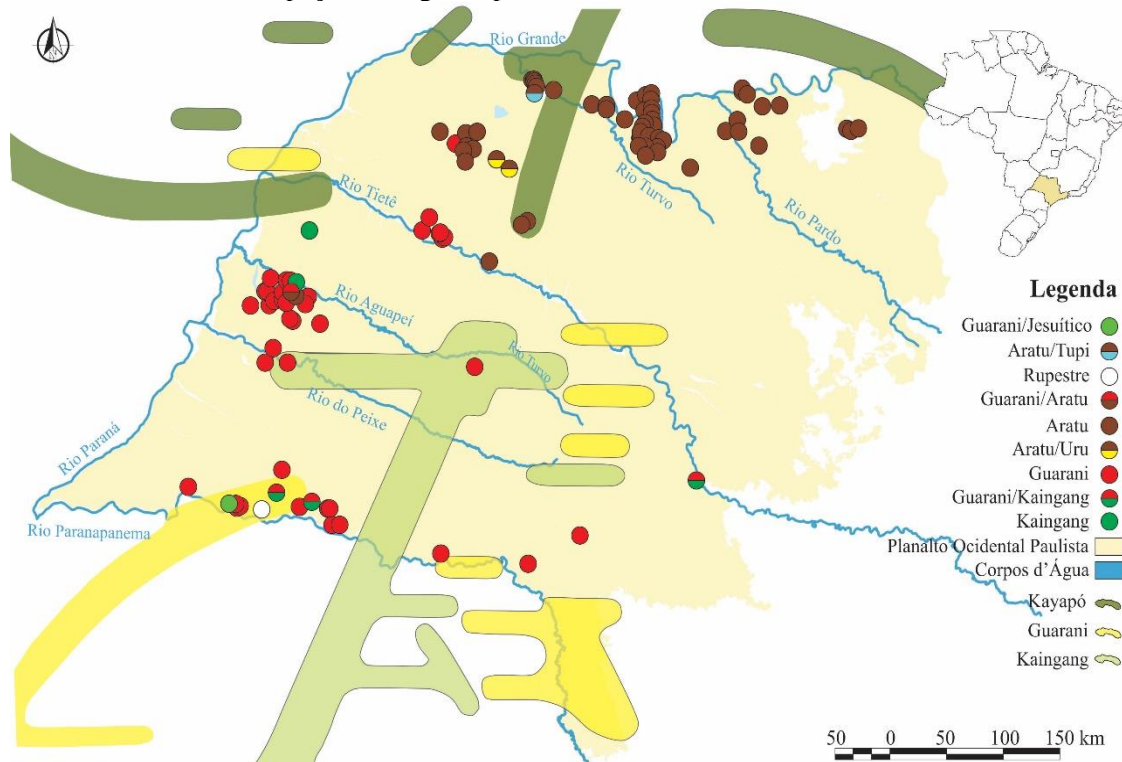
A partir das pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Arqueologia Guarani, podemos dizer que a maior parte dos sítios arqueológicos, encontrados no Oeste Paulista, estão em áreas de cultivo agrícola e nas planícies e terraços fluviais que, em parte, foram alagados com a construção de hidrelétricas.

Nesses contextos são encontrados, principalmente, fragmentos de vasilhas cerâmicas e pedras lascadas dispostas em superfície e em subsuperfície. Esses materiais arqueológicos testemunham a presença de assentamentos indígenas em todo o Planalto Ocidental Paulista, concentrando-se, principalmente, nas proximidades de rios e ribeirões (FACCIO, 2019).

Ao longo do tempo, com o histórico processo de uso e ocupação do solo, somado às dinâmicas morfoedogenéticas de cada área, um sítio arqueológico está submetido a diversas combinações de processos pós-deposicionais (TOSO, 2021; BUTZER, 1989, ARAÚJO, 1995; 2001/2002). Sítios, como o Córrego do Fogo sofreram ações devastadoras ao longo do processo de uso e ocupação do solo, principalmente nos últimos anos, com o cultivo da cana-de-açúcar pelo setor agro-açucareiro. Porém, mesmo sobre

esse intenso mar de cana, consideramos que a materialidade desses objetos testemunha e assevera a indigeneidade de uma paisagem⁶.

Figura 2: Sobreposição de dados da Arqueologia e da Etno-História do Planalto Ocidental Paulista. Ocupações indígenas pré-coloniais do Planalto Ocidental Paulista



Fonte: Faccio (2019)

Na região, há lacunas sobre a correlação entre esses sítios arqueológicos, semelhanças e diferenças no padrão de assentamento e cultura material dos diferentes grupos indígenas.

Assim, neste trabalho, temos como objetivo analisar as cerâmicas encontradas no sítio arqueológico, a fim de contribuir com o conhecimento da cultura material ceramista de povos indígenas que habitaram o Planalto Centro Ocidental do Estado de São Paulo, considerando, sobretudo, a relevância do sítio arqueológico para a construção do conhecimento da história de longa duração⁷ dos povos indígenas e suas práticas no Planalto Ocidental Paulista.

METODOLOGIA

⁶ Balée (2008).

⁷ Concepção do tempo humano, que envolve o reconhecimento da existência de padrões empíricos de história e pré-história, ocorrendo ao longo de séculos (BRAUDEL, 1980; BALÉE, 2006).

Considerando que os artefatos cerâmicos do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo são fragmentos, as análises focaram na tecnotipologia da produção de vasilhas e no diagnóstico da filiação cultural do sítio arqueológico.

A partir da análise tecnotipológica, identificamos os grafismos desenhados por incisão ou pintura nas paredes das vasilhas. Esses são representados a partir de motivos mínimos que, geralmente, se repetem de maneira contínua ao longo da vasilha em diferentes combinações, além das características da pasta, do tempero, da classe, espessura, queima e tratamento de superfície (FACCIO, 2011; DI BACO, 2018)

Os fragmentos de uma mesma vasilha foram agrupados em conjuntos, com a finalidade de observar variações tecnológicas em uma mesma peça. Para reunir tais fragmentos, analisamos a categoria, o antiplástico, a maior e a menor espessura em uma mesma peça, o tratamento de superfície e a decoração.

Trata-se de uma análise estrutural como indica a proposta de La Salvia e Brochado (1989), com a qual as partes dos componentes do todo são estudadas e integradas de forma, que um conjunto maior se apresente, e que o universo da cultura surja de forma consistente.

Nesse sentido, constata-se que o registro arqueológico apresenta em si um processo produtivo, que varia de acordo com a intenção de cada artesã (o). Como afirmam Brochado e La Salvia (1989), esse processo produtivo é um complexo de ações que seguem um conjunto, que vão desde a base até a borda, onde se desenvolve a construção e os acabamentos.

De acordo com La Salvia e Brochado (1989), o processo produtivo conta com seis principais ações: preparação da pasta, preparação do artefato, técnica de elaboração, aplicação do acabamento decorativo, queima e, por fim, utilização. Essas seis principais ações possuem, em si, particularidades que serão escolhidas pela artesã (o), de acordo com seu objetivo de produção. Nesse sentido, propomos ir além, considerando as ações de identificar uma necessidade e planejar a confecção da cerâmica que atenderá às ações desejadas.

Utilizamos-nos, ainda, da análise documental que consiste em uma pesquisa, utilizando fontes primárias de informação, onde é essencial atentar para a legitimidade e confiabilidade dos dados encontrados.

Para a análise documental, relatórios, tabelas, legislações, fotografias, vídeos, cartas e discursos oficiais, bem como suas traduções são consideradas fontes primárias de informação (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Essa análise possui três etapas:

- **Primeira etapa:** pré-análise ou análise prévia, que busca material bibliográfico referente ao tema em foco, filtrando das referências bibliográficas as fontes primárias de informação e verificando a confiabilidade dos dados.
- **Segunda etapa:** organização documental que seleciona as fontes primárias a serem trabalhadas e analisa individualmente cada elemento delas.
- **Terceira etapa:** análise conjunta de todo o material levantado, com produção de uma síntese cuidadosa dos dados obtidos. Por fim, realiza-se a verificação do material final, com o propósito de minimizar a postura de escrita tendenciosa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão acerca da cultura material, frequentemente realizada pela ciência arqueológica, tem muito a contribuir para uma discussão geográfica da materialidade. Para Lima (2011),

Um aspecto, no entanto, pode ser considerado hoje uma página definitivamente virada no estudo da cultura material: o seu entendimento como um reflexo passivo de sistemas socioculturais. A cultura material é produzida para desempenhar um **papel ativo**, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante. Não há como reverter essa condição, que torna a cultura material, de fato, **a dimensão concreta das relações sociais** (LIMA, 2011, p. 21-22, *grifo nosso*).

Entendemos a cerâmica como um marcador cultural, fruto de um processo de produção (trabalho) que se associa a um tempo e a uma realidade sócio-histórica-geográfica específica, que dita também sobre intencionalidades impressas na confecção e na materialidade da cerâmica.

A cerâmica é entendida como um importante elemento para a classificação da filiação cultural de sítios arqueológicos. No Planalto Ocidental Paulista registram-se evidências etno-históricas e arqueológicas sobre a presença de povos Guarani, Kaingang e Oti-xavante (FACCIO, 2019).

Cerâmicas associadas a povos do tronco linguístico Tupi-guarani – na região de estudo, mais precisamente os Guarani – apresentam cerâmicas policrômicas, parede angular, decoração plástica e enterramentos em urnas funerárias, conforme registrado por pesquisadores como Morais, (1999/2000); Prous (2019); Faccio (2011, 2019)). As fotos 4 e 5 e a figura 2 mostram exemplos característicos da cerâmica Guarani.

Fotos 4: Cambuchi , utilizado como urna funerária, Sítio Arqueológico Aguinha, datado de 700 ± 160 BP. A vasilha tem 64 cm de altura e diâmetro do ombro igual a 1,40 m. Iepê, SP



Fonte: Faccio (2011)

Foto 5 e figura 3: Cambuchi cabaguá e o motivo da pintura interna respectivamente. Sítio Arqueológico Aguinha, Iepê, SP.



Fonte: Faccio (2011)

Outro elemento diagnóstico e que caracteriza uma dada filiação cultural é o padrão de assentamento – padrão de distribuição dos sítios arqueológicos na paisagem. Para sítios Guarani registra-se a ocorrência de sítios em diferentes compartimentos topográficos, destacando-se a média e a baixa vertente, próximos a áreas de planícies e terraços fluviais, a cursos d'água e a fontes de matéria prima – cascalheiras para lascamento e fontes de argila

para o trabalho do barro (KASHIMOTO, 1989; FACCIO, 1998; MORAIS, 1999/2000; PEREIRA, 2011). Esses sítios podem ser entendidos, ainda, considerando a classificação de pequeno e grande porte, assim como destacado por Faccio (1998), Pereira (2011), Toso e Faccio (2020), a partir dos quais se entende que sítios de pequeno porte se localizam próximos a afluentes de grandes rios, possuem menor densidade e variabilidade artefactual, quando comparados com os sítios guarani localizados próximo aos Rios Paraná e Paranapanema.

os sítios de menor porte trabalhados até o momento na Mesoregião da Capivara distam do córrego ou ribeirão entre 100 metros (Sítio Neves) e 180 metros (Sítio Silva) e do Rio Paranapanema, entre 21 quilômetros (Sítio Graças) e 58 quilômetros (Sítio Marambaia). Os sítios de maior porte como Ragil e Ragil II contam com córrego ou ribeirão na área do sítio e distavam do Rio Paranapanema, antes da formação do lago da UHE da Capivara, entre 2,5 e 1,25 quilômetros, respectivamente (FACCIO, 1998, p. 266).

Pereira (2011), com base nos estudos de Pallestrini (1968-69), Morais (1979;1986), Pallestrini e Morais (1984, 1988) e Faccio (1998; 2011), analisou as diferenciações geográficas relacionadas à implantação dos assentamentos no espaço. Duas diferenciações merecem destaque:

- Sítios do Alto-Médio Paranapanema localizaram-se em relevos colinares, no topo ou na meia encosta, com cursos d'água na base ou em suas proximidades;
- Os sítios do Baixo Paranapanema apresentaram-se, em sua maior parte, nas margens do Rio Paranapanema, em terraços fluviais, com solo de alta fertilidade (devido à decomposição do basalto – formação geológica Serra Geral), em média-baixa vertente, próximos a lagos e nascentes com presença de depósitos de argila.

Dedicados a conhecer outras geografias, nesse caso a geografia de povos Guarani que habitaram a região, o presente trabalho assume a importância do processo reflexivo acerca das informações e dos símbolos impressos no Sítio Arqueológico Córrego do Fogo.

A impossibilidade de acesso aos artesãos (ãs) e antigos residentes do que hoje chamamos de sítio arqueológico nos levaram a refletir sobre a importância de um debate transversal das ciências, congregando o potencial de diversas áreas do saber em prol de um objetivo, até então, pouco explorado: traçar possíveis compreensões de sociedades ágrafas, a partir das impressões materiais conservadas pelo tempo na espacialidade produzida em

tempos pretéritos, considerando que “a determinação do que é espaço e do que é tempo não é politicamente neutra, mas está politicamente imbricada em certa estrutura de relações de poder” (HARVEY, 1994, p. 127 apud HAESBAERT, 2021, p.35-36).

Haesbaert (2021 b), em seu artigo “A corporificação “Natural” do Território: do terricídio à multiterritorialidade da Terra”, aciona o ideal do “conhecimento in-corporado” como sendo a parcela da vivência e aceção identitária que é própria dos sujeitos, e externalizada em sua produção e reprodução, de modo que, ao se produzir território, se interioriza território, tornando o corpo extensão do território. Assim, a ausência desses corpos que produziram os sítios arqueológicos estudados, se faz elemento deles constituinte, evidenciando o trato político do Estado e seus aparelhos. Aí reside a relevância do estudo da cultura material, na busca por dar voz às narrativas históricas violentamente silenciadas, evidenciando, por meio dos estudos da cultura material tempo-espacialmente localizada às pessoas e, por extensão, à sociedade que a produziu.

Além disso, somam-se as limitações para análise e interpretação de sítios arqueológicos como o aqui apresentado, problemáticas associadas à integridade de tais sítios. As informações neles presentes estão associadas ao contexto arqueológico–distribuição horizontal e vertical dos vestígios –, à espacialização desses assentamentos, à sua disposição na paisagem e cultura material, por vezes, como já dito, devido a processos históricos e de dinâmicas da natureza, informações podem ser acumuladas, perturbadas e/ou perdidas, assim como exposto por Araújo (2017).

Em sítios localizados em áreas de degradação ambiental, essas perdas podem ser mais intensas, principalmente pelo aceleração de processos erosivos e ações de maquinários agrícolas, por exemplo, como é o caso do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo.

No entanto, entendemos que sítios arqueológicos, como o aqui apresentado, nos falam das relações territoriais de um determinado povo, de suas relações econômicas, das suas trocas e conflitos, das suas predileções topográficas e ambientais. Esses registros nos asseguram uma geograficidade – como leitura de uma paisagem “quase” extinta – mas resistente pelo processo de temporalidade, consubstanciada em cada cerâmica, seja pela matéria-prima que lhe deu forma ou pelo arado que a fragmentou.

Partimos da concepção de que os sítios arqueológicos são produtos interessantes e de interesse de múltiplas áreas do conhecimento e que o pensar essa realidade é marcado por **potencialidades e desafios**, como a ausência da perspectiva e narrativa originárias.

Embora o debate da cultura material seja conduzido principalmente pela ciência arqueológica, consideramos as

reflexões que exploram o papel da materialidade nas sociedades humanas e as interações entre artefatos e relações sociais têm sido conduzidas, além dos arqueólogos, por pesquisadores em ciências sociais e humanas, envolvidos com a história da tecnologia, da arte, da arquitetura e do design, bem como com semiologia, sociologia, antropologia cultural, história social, geografia, ciência da cognição, psicologia, museologia, entre outras. Se, por um lado, Arqueologia é estudo da cultura material, por outro, **os estudos de cultura material transcendem a prática arqueológica** (LIMA, 2011, p. 12, *grifo nosso*).

Dessa maneira, entendendo a abordagem e a perspectiva adotadas, nossa escolha metodológica caminha pela integração de técnicas e metodologias, fazendo, assim, uso das proposições da análise tecnotipológica de La Salvia e Brochado (1989), Faccio (1998) da análise documental pautada na abordagem histórico-culturalista e do debate pós-estrutural, por meio das aproximações de Haesbaert (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

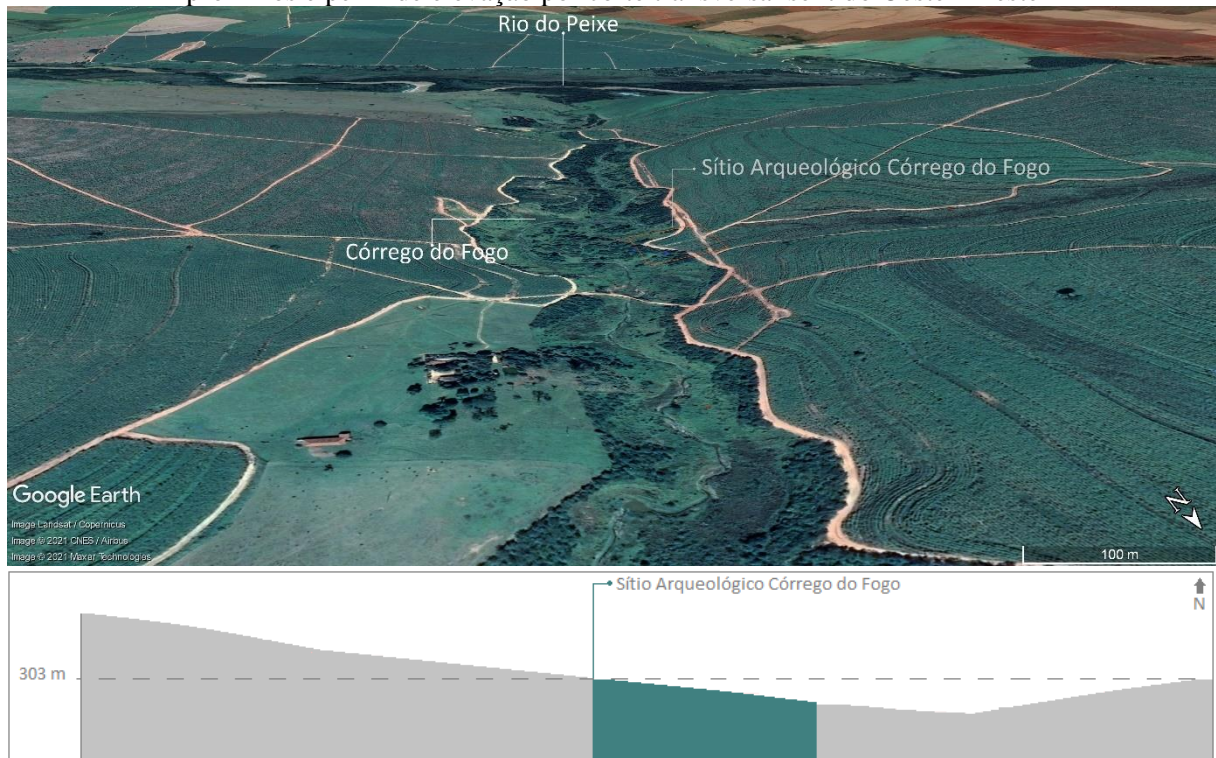
Padrão de assentamento

O Sítio Arqueológico Córrego do Fogo está localizado no Planalto Ocidental Paulista, caracterizado por “relevo levemente ondulado com predomínio de colinas amplas e baixas com topos aplainados” (ROSS E MOROZ, 1996, p. 52) e, mais especificamente, no Planalto Centro Ocidental, com a presença de formas agradacionais de planícies fluviais e formas denudacionais.

O Sítio em questão dista 2,4km do Rio do Peixe e 100m do Córrego do Fogo, e está implantado entre as cotas altimétricas de 303 e 293m de elevação, em baixa vertente, próximo ao terraço fluvial do Córrego do Fogo. A curvatura da vertente onde o sítio está localizado é retilínea (**Figura 4**).

A área onde se encontravam os vestígios arqueológicos apresenta latossolo vermelho e no vale na planície de inundação observamos depósitos aluviais. Vale ressaltar que o trecho do Rio do Peixe mais próximo apresenta característica meandrante, com ampla margem alagadiça, e o trecho mais próximo do Córrego do Fogo também se apresenta com a mesma característica.

Figura 4: Implantação do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo em relação aos cursos d'água mais próximos e perfil de elevação por corte transversal sentido Oeste – Leste



Fonte: Google Satélite. Elaborado pelos autores (2021)

A disposição do sítio arqueológico na paisagem assemelha-se ao padrão das implantações dos sítios Guaranis encontrados no baixo Paranapanema destacado por Faccio (1992; 1998; 2011) e Pereira (2011).

Cerâmica

A análise tecnotipológica dos 341 fragmentos de cerâmica do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo permitiu conhecer o predomínio de fragmentos de parede (82,4%), seguido por bordas (9,1%), bases (3,5%), parede angular (3,2%) e parede com suporte de tampa (0,3%)

Quanto à maior espessura do fragmento de cerâmica, houve predomínio de fragmentos com espessura entre 0,51 e 1,0 cm, sendo menos recorrente espessura maior que 1,5 cm e menor que 0,51 cm (**Tabela 1**).

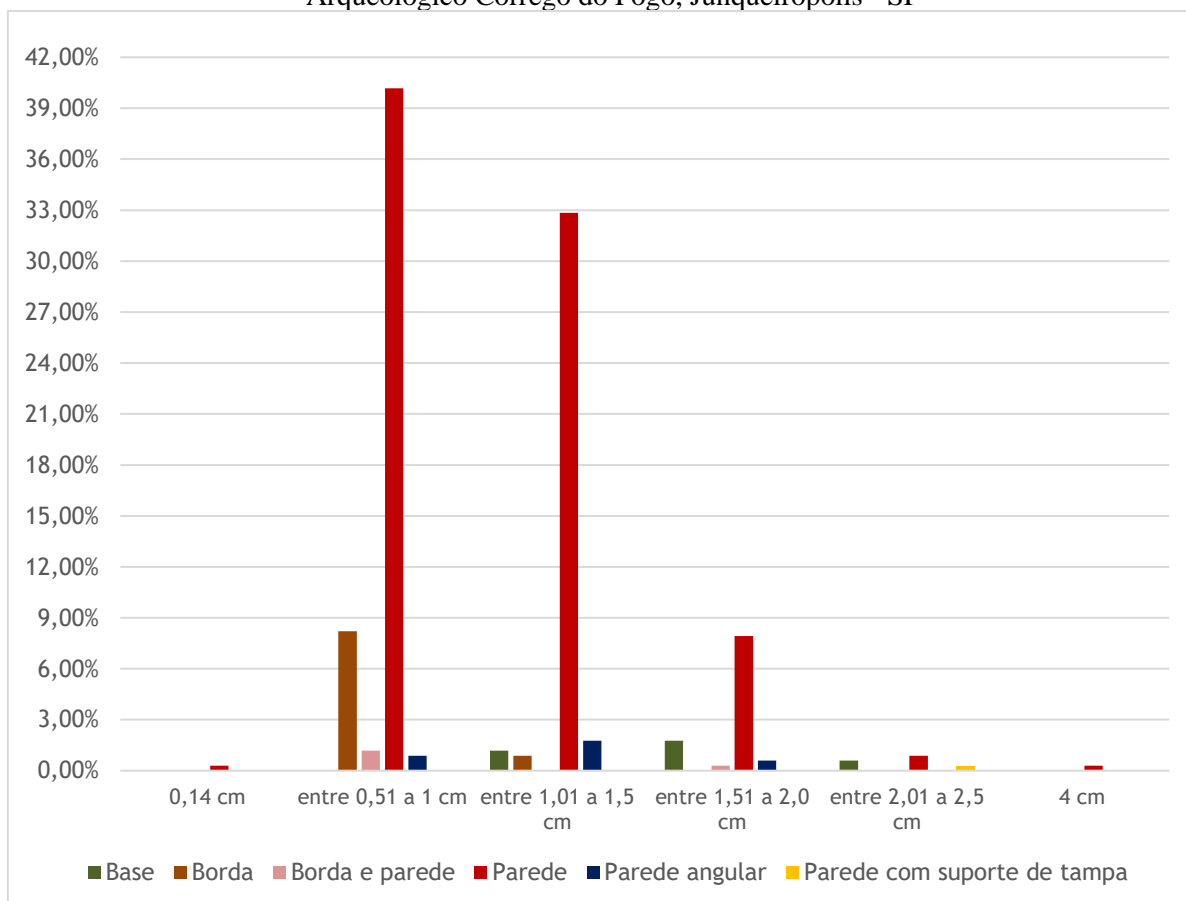
Tabela 1: Espessura dos fragmentos de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo (CFG), Junqueirópolis - SP

Maior espessura	Quantidade	Frequência
0,14 cm	1	0,3%
entre 0,51 e 1 cm	172	50,4%
entre 1,01 e 1,5 cm	125	36,7%

entre 1,5 e 2,0 cm	36	10,6%
entre 2,01 e 2,5 cm	6	1,8%
4,7 cm	1	0,3%
Total	341	100%

Analisando a correlação das categorias e maior espessura (**Gráfico 1**), observamos que ocorreram bordas de até 1,5 cm de espessura, sendo mais frequentes bordas com espessura de 0,51 até 1 cm. Outro fato que chamou nossa atenção é que, ao inverso as bordas, ocorreram bases entre 1,01 e 2,5 cm de espessura, sendo inexistente a presença de bases com menos de 1 cm de espessura. Já as paredes apresentaram maior variação, o que pode estar relacionado à proporção delas em relação às demais categorias, por serem as paredes a maior parte das vasilhas.

Gráfico 1: Relação entre as categorias e espessuras dos fragmentos de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo, Junqueirópolis - SP



Fonte: os autores (2021).

Observamos a ocorrência de quatro tipos de antiplástico: apenas mineral (15%), antiplástico do tipo mineral com tempero caco moído (76,8%), mineral com carvão (0,6%) e mineral com caco moído e carvão (7,6%). Quanto aos tipos de decoração e tratamento de superfície, observamos 102 variações, que representam a combinação de diferentes técnicas

de acabamento. Identificamos a aplicação de barbotina, brunidura, diferentes engobos (preto, vermelho, branco e laranja), grafismos com pintura ou incisão, e decoração plástica como serrungulado, unglado e corrugado.

A correlação dos tipos de tratamento de superfície e de decoração com as categorias (**Quadro 1**) foi realizada sem especificarmos a coloração do engobo e das pinturas devido a alta variabilidade das peças.

Assim, observamos que a maior parte da variação de decoração se concentra nas bordas e paredes, ocorrendo, principalmente, decoração na face externa com pintura e ou decoração plástica – (corrugado, inciso, unglado e serrungulado). Na categoria base, foi identificada apenas a decoração de pintura na face interna, possivelmente associada a vasilhas mais abertas e ou pratos, cuja decoração pudesse ficar visível.

Quadro 1: Relação dos tipos de tratamento de superfície e decoração com as categorias							
Face interna / externa	Base	Borda	Borda e parede	Parede	Parede angular	Parede com suporte de tampa	Totais
Barbotina/barbotina	-	0,59%	-	4,11%	-	-	4,69%
Barbotina/barbotina e incisão	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Barbotina/brunidura	-	-	0,29%	-	-	-	0,29%
Barbotina/corrugado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Barbotina/engobo	-	-	-	2,64%	-	-	2,64%
Barbotina/inciso	-	-	-	1,17%	-	-	1,17%
Barbotina/inciso sobre barbotina	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Barbotina/liso	0,59%	-	-	3,52%	-	-	4,11%
Barbotina/pinçado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Barbotina/pintura sobre engobo	-	-	-	1,17%	0,29%	-	1,47%
Brunidura acidental/liso	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Brunidura/brunidura	-	-	-	2,05%	0,29%	-	2,35%
Brunidura/engobo	-	-	-	0,59%	-	-	0,59%
Brunidura/escovado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Brunidura/inciso	-	-	-	0,59%	-	-	0,59%
Brunidura/liso	-	0,29%	-	1,17%	-	-	1,47%
Brunidura/pintura sobre engobo	-	-	-	-	0,29%	-	0,29%
Engobo e inciso no lábio /barbotina	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Engobo e pintura sobre o lábio/barbotina	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Engobo e pintura sobre o lábio/engobo	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Engobo/barbotina	-	-	-	0,29%	0,29%	-	0,59%
Engobo/engobo	-	-	-	1,76%	-	-	1,76%



Engobo/inciso	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Engobo/liso	-	-	-	3,23%	-	-	3,23%
Engobo/não identificado	-	-	-	0,29%	0,59%	-	0,88%
Engobo/pintura	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Engobo/pintura sobre engobo	-	0,29%	-	2,64%	-	-	2,93%
Inciso/liso	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Inciso/não identificado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Liso/ pintura na externa	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Liso/barbotina	-	-	-	3,81%	-	-	3,81%
Liso/brunidura	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Liso/brunidura acidental	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Liso/corrugado	-	-	-	2,05%	-	-	2,05%
Liso/engobo	0,59%	-	0,29%	4,99%	0,59%	-	6,45%
Liso/engobo e pintura no lábio	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Liso/engobo e pintura sobre engobo	-	-	-	-	0,29%	-	0,29%
Liso/inciso	-	-	-	1,17%	-	-	1,17%
Liso/liso	1,76%	1,76%	0,29%	26,39%	0,29%	-	30,50%
Liso/não identificado	0,29%	-	-	0,59%	-	-	0,88%
Liso/pintura	-	-	-	2,05%	-	-	2,05%
Liso/pintura sobre barbotina	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Liso/pintura sobre engobo	-	-	0,29%	0,88%	-	-	1,17%
Liso/serrungulado	-	0,29%	-	1,17%	-	-	1,47%
Liso/ungulado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Não identificado/barbotina	-	-	-	0,59%	-	-	0,59%
Não identificado/corrugado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Não identificado/engobo	-	-	-	1,17%	-	-	1,17%
Não identificado/liso	-	-	-	1,17%	-	-	1,17%
Não identificado/serrungulado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Pintura na face interna e pintura no lábio/pintura sobre barbotina	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura na face interna e pintura sobre lábio/liso	-	-	0,29%	-	-	-	0,29%
Pintura no lábio/engobo	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura no lábio/inciso	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura sobre barbotina/engobo	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Pintura sobre barbotina/liso	-	-	-	0,88%	-	-	0,88%
Pintura sobre engobo e pintura no lábio/barbotina	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura sobre engobo e pintura no lábio/liso	-	0,59%	-	-	-	-	0,59%
Pintura sobre engobo e pintura no lábio/pintura	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura sobre engobo/barbotina	-	-	-	0,59%	-	-	0,59%
Pintura sobre engobo/engobo	-	-	-	1,17%	-	-	1,17%

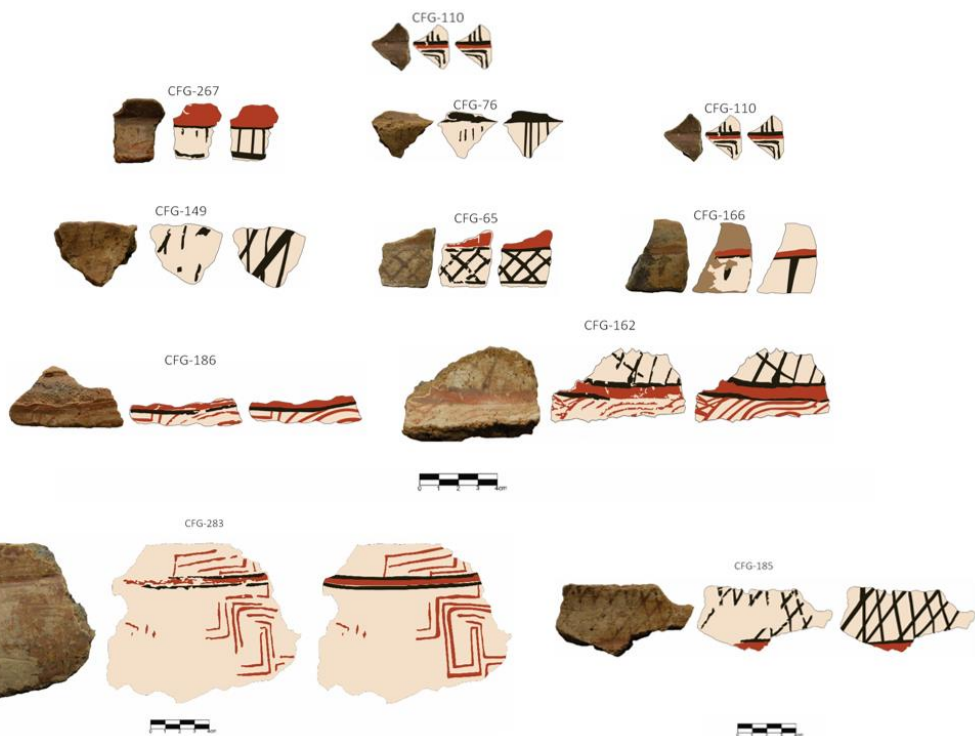
Pintura sobre engobo/liso	-	-	-	0,88%	-	-	0,88%
Pintura sobre engobo/pintura	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Pintura sobre engobo/pintura sobre engobo	-	-	-	-	-	0,29%	0,29%
Pintura/incisa	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Pintura/liso	0,29%	0,59%	-	3,23%	0,29%	-	4,40%
Pintura/não identificado	-	-	-	0,29%	-	-	0,29%
Pintura/pintura sobre engobo	-	0,29%	-	-	-	-	0,29%
Totais	3,52%	9,09%	1,47%	82,40%	3,23%	0,29%	10 -

Já em relação às espessuras, observamos que a presença de pintura na face interna ocorreu em peças de 0,51 a 1,5 cm, e as pinturas na face externa ocorreram em peças de 0,51 a 4 cm. A presença de brunidura ocorreu em peças de 0,14 a 2 cm e se apresentaram, principalmente, em fragmentos de até 1 cm. A presença de pintura ou incisão sobre lábio ocorreram em bordas de 0,51 a 1,5 cm, ocorrendo principalmente em peças de até 1 cm.

A decoração pintada e plástica é uma característica da cerâmica Guarani. Esses elementos são recorrentes em sítios dessa filiação. No Sítio Arqueológico Córrego do Fogo ocorreram pinturas tanto na face interna quanto na externa das vasilhas. As pinturas na face interna apareciam em 18 combinações, sendo predominante a pintura na face interna e tratamento de superfície liso na externa. As pinturas na face externa também aconteceram combinadas, principalmente, com a face interna lisa. Foi possível ainda reconstituir os grafismos presentes em 15 fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo (**Figura 5 e 6**).

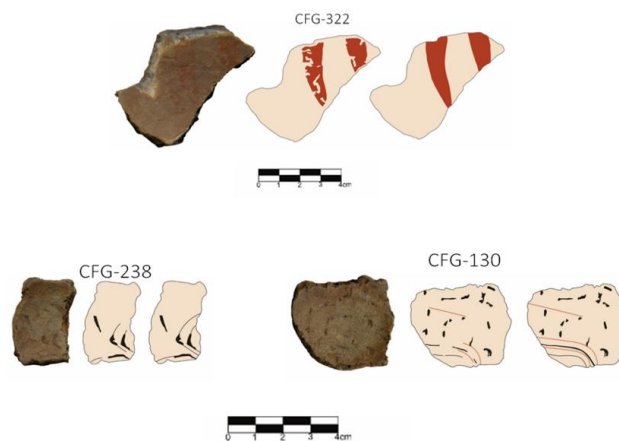
Comparando as reconstituições gráficas realizadas para os motivos identificadas por Faccio (2011) em sítios localizados no baixo Paranapanema, observamos semelhanças no padrão de coloração utilizado (vermelho e preto sobre engobo branco) e faixas e linhas geométricas em diferentes combinações.

Figura 5: Reconstituição dos grafismos pintados presentes na face externa em fragmentos de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo, Junqueirópolis – SP



Fonte: Adaptado de Faccio (2020). Reconstituição gráfica de Eduardo Pereira Matheus (2021).

Figura 6: Reconstituição dos grafismos pintados presentes na face interna em fragmentos de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo, Junqueirópolis - SP



Fonte: Adaptado de Faccio (2020). Reconstituição gráfica de Eduardo Pereira Matheus (2021)

Observamos a ocorrência de decoração plástica na face externa nas seguintes combinações: lisa na face interna e corrugada na face externa (2,6%); lisa na face interna e incisa na face externa (3,8%); lisa na face interna e serrungulado na face externa (1,2%); lisa interna e unglulado na externa (0,3%); não identificado face interna e serrungulado externa

(0,3%). Os grafismos realizados por incisão também foram reconstituídos graficamente (Figura 7).

Figura 7: Reconstituição dos grafismos incisos presentes em fragmentos de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo, Junqueirópolis – SP



Fonte: Adaptado de Faccio (2020). Reconstituição gráfica de Eduardo Pereira Matheus

Considerando as cerâmicas analisadas, observamos que o Sítio Arqueológico Córrego do Fogo testemunha a presença de povo Guarani nas proximidades do Rio do Peixe e Córrego do Fogo, em período a ser verificado por datação.

Como discutimos, os sítios Guarani, até o momento estudados no Planalto Ocidental Paulista, foram classificados como de grande e/ou de pequeno porte. Os sítios de grande porte estão localizados próximos aos Rios Paraná e Paranapanema, apresentam grande quantidade e variabilidade de cerâmicas, localizam-se próximos a planícies fluviais, fontes de matéria-prima – cascalheiras e jazidas de argila para o trabalho do barro. Já os sítios de pequeno porte estão localizados próximos a córregos e ribeirões – cursos d'água de menor porte – a uma distância considerável dos rios de maior ordem de drenagem como o Paranapanema (FACCIO, 1998; TOSO E FACCIO, 2020; PEREIRA, 2011).

Comparando com as características dos sítios arqueológicos apresentados por Faccio (1998), a **implantação** assemelha-se a sítios de grande e médio porte, já que a distância em relação à drenagem de maior porte – no nosso caso, o Rio do Peixe, não é tão grande; a quantidade de cerâmicas, por outro lado, é pequena quando comparada com sítios de grande porte, encontrados nas proximidades do Rio Paranapanema – que chegam a mais de 3 mil

peças, como o Sítio Arqueológico Ragil, Alvim e outros. Porém, outro destaque é a variabilidade das cerâmicas, que se apresentam diversificadas diante da quantidade de fragmentos cerâmicos – considerando as 15 reconstituições de grafismos, a variabilidade de decoração, de bordas e os conjuntos de fragmentos de uma mesma vasilha.

Considerando que um maior delineamento poderá ser realizado, quando compararmos o Sítio Arqueológico Córrego do Fogo com sítios arqueológicos do seu entorno, correlações de contemporaneidade e complementaridade com outros assentamentos podem ocorrer, inclusive com aqueles registrados por Faccio (1998; 2011) na bacia do Rio Paranapanema – optamos por, nesse primeiro momento, classificar o sítio como de médio porte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da ampla espacialidade de ocorrência das cerâmicas associadas aos Guarani, em todo o Planalto Ocidental Paulista, corrobora o entendimento de essa materialidade registrar a geograficidade inerente às práticas Guarani, que pode ser potencializada a partir de estudos transdisciplinares e que considerem a multiescalaridade desse debate, já que cada contexto arqueológico, na sua individualidade e especificidade, pode contribuir e ampliar os debates quando tratados na perspectiva regional.

Assim, o esforço inicial de inserir a análise do Sítio Arqueológico Córrego do Fogo nesse desafio, permite-nos registrar um caminho profícuo de debates e conhecimento para compreender sociedades ágrafas, a partir das impressões materiais.

Ao final de nossa análise pudemos alcançar conclusões e questionamentos que nos impulsionam a dar seguimento aos processos reflexivos e investigativos que prezam por uma análise integradora da ciência e pela minimização dos impactos da postura colonialista sobre a análise da cultura material regional e sua compreensão espacial. São elas:

— A análise da coleção arqueológica, a partir do espectro cultural nela existente, agrega elementos, como intenção e trabalho impostos à produção e ao uso; espacialidade de uma sociedade e os conflitos transcorridos que levaram à descontinuidade da ocupação territorial em determinado momento histórico.

— A análise das coleções arqueológicas apresenta limitações estruturais que, diante da impossibilidade de somá-las, podem ser exploradas a partir do potencial das ausências.

Assim, temos como convites a necessária compreensão de que boa parte da documentação foi elaborada em um período histórico distinto, em que muitos dos debates e

vieses inconsistentes, atualmente debatidos, passavam despercebidos. Sendo assim, validamos o convite para atentar aos limites temporais do debate e realizar as ressalvas necessárias, evidenciar continuamente os limites da atuação acadêmica e as ausências, de modo a divulgar os caminhos até então percorridos e potencializar partilhas e avanços junto às limitações.

É preciso atentar para as microviolências da linguística acadêmica, de modo que não só se faz necessária a avaliação das violências exercidas nos escritos das nossas bases documentais, evidenciando-as quando necessário, como também às que exercemos; por isso, é necessária a contínua atualização de terminologias, minimizando nossa prática/réplica violenta nos escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, A.G.M. Peças que descem, peças que sobem e o fim de Pompeia: algumas observações sobre a natureza flexível do registro arqueológico. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 5: 3-25, 1995.

ARAUJO, A. G. de M. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. **Revista de Arqueologia**. v.14-15; nº 07-28, p. 7-28. 2001/2002.

ARAUJO, A. G. de M. **Arqueologia, Ontologia, Epistemologia**: quando a teoria encontra a matéria. 2017. Tese (Livre Docência em Geoarqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.71.2020.tde-04022020-201608. Acesso em: 2021-01-03.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**. V. 21, n. 2, p. 9–23, 2008. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/248>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BALÉE, William. The Research Program of Historical Ecology. *Annu. Rev. Anthropol.* 35, 2006. p. 75-98. Tradução: Rafael Guedes Milheira. **Cadernos do LEPAARQ**, Vol. XIV. Nº28, 2017.

BRAUDEL, F. **On History**. Transl. S Matthews. Chicago: Univ. Chicago Press, 1980.

BUTZER, Karl W. **Arqueología**: una ecología del hombre. Ediciones Bellaterra, S.A. Traducción Mª José Aubet Semmler. 1989.

DI BACO H. M. **A cerâmica pintada Guarani**: o estudo dos desenhos presentes nas cerâmicas arqueológicas da área do Projeto Paranapanema. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018, 153 p.

FACCIO, N. B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/ USP, 1992.

FACCIO, N. B. **Arqueologia do cenário das ocupações horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema – SP**. Tese (Doutorado em arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

FACCIO, N. B. A complexidade dos sistemas de assentamentos ameríndios no Planalto Ocidental Paulista vistos a partir da arqueologia: a contribuição do LAG/MAR. **Revista Confins**, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

FACCIO, N. B. et al. **Relatório de Avaliação do Impacto ao Patrimônio Arqueológico e Ações de Esclarecimento. Usina Glencane**, Junqueirópolis, SP. 2020.

FACCIO, N. B. **Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema**: estudo dos sítios de Iepê, SP. V. I. Tese de Livre Docência – Museu de Arqueologia e Etnografia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – Universidade de São Paulo, São Paulo 2011.

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. ed. - **Ciudad Autónoma de Buenos Aires**: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001, DE 25 DE MARÇO DE 2015.

Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/INSTRUCAO_NORMATIVA_001_DE_25_DE_MARCO_DE_2015.pdf>

LA SALVIA, F. E BROCHADO, J. P. Cerâmica guarani. Porto Alegre: **Posenato Arte e Cultura**, 1989.

LIMA, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MORAIS, José Luiz de. Arqueologia da Região Sudeste. **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 194-217, dezembro/fevereiro 1999-2000.

PEREIRA, D. L.T. **Arqueologia Guarani na bacia do Rio Santo Anastácio –SP**: estudo do Sítio Célia Maria. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) –Universidade de São Paulo. USP, São Paulo, 2011.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**: a pré-história e os verdadeiros colonizadores. edição. Cuiabá, Archaeo; Carnili e Caniato Editorial, 2019. 880 p.

TOSO, D. M. S. Sítios Arqueológicos de Pequeno Porte do Baixo Rio Aguapeí. **Colloquium Socialis**, Presidente Prudente, v. 04, n. 3, p. 85-101jul/set 2020.

TOSO, D. M. S. **Processos pós-deposicionais em áreas degradadas**: Sítio Arqueológico Itaí, Paulicéia – SP. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2021, 201 p.